

# COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

## ESCOLA

No. 6 - MARÇO 2013 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

**N.º1 • OUTUBRO 2012**

**A formação do professor**

**N.º2 • NOVEMBRO 2012**

**Diálogo igualitário**

**N.º3 • DEZEMBRO 2012**

**Inteligência cultural**

**N.º4 • JANEIRO 2013**

**Transformação**

**N.º5 • FEVEREIRO 2013**

**Dimensão instrumental**

**N.º6 • MARÇO 2013**

**Criação de sentido**

**N.º7 • ABRIL 2013**

**Solidariedade**

**N.º8 • MAIO 2013**

**Igualdade de diferenças**

**N.º9 • JUNHO 2013**

**Transferibilidade das  
atuações educativas  
de êxito**

## CRIAÇÃO DE SENTIDO



MARINA BLANCO BARRIOS/ PROFESSORA DO E. FUNDAMENTAL, FORMADA EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO.

Alguns dos nossos alunos e alunas não veem nenhum sentido no que eles aprendem nos centros educacionais, porque eles sentem que os conhecimentos que nós queremos transmitir e a forma que fazemos isso estão muito distantes das suas preocupações e interesses mais pessoais, pois eles não fazem relações com o presente e o futuro. Para viver na sociedade do século XXI, nossos alunos necessitam recursos e estratégias que não são oferecidos a eles. Por isso a insatisfação constante e a perda da identidade que sofrem alguns adolescentes e jovens que conduzem ao abandono escolar, ao fracasso e à exclusão escolar e social. Esta perda de sentido não somente afeta os alunos mas também, em alguns casos, dificulta a atividade profissional dos professores. Para recuperar o sentido nós devemos ser

capazes de ampliar nossa visão de mundo e da educação, partindo dos conhecimentos cientificamente contrastados com os que contamos atualmente, e com projetos como as comunidades de aprendizagem (CA) que são criadoras de sentido para toda a comunidade educacional.

### CRIAÇÃO DE SENTIDO E A EQUIPE DE PROFESSORES

Somos conscientes de que nossa sociedade mudou consideravelmente nos últimos anos. Os avanços tecnológicos e científicos transformaram nossa forma de comunicação, nossos hábitos familiares, nossa forma de locomoção, de estabelecer amizades e de abertura para o mundo. Nesta nova sociedade devemos desenvolver modelos educacionais que possam prover a todos e todas das competências necessárias para enfrentar as constantes mudanças e as necessidades que as geram. Contudo, conseguir oferecer uma educação de qualidade e de êxito

escolar para todos os alunos não consiste em apenas uma técnica e não pode ser uma tarefa mecânica.

Para conseguir isso é necessário refletir e fazermos juntos. Construir projetos em equipe que valiam a pena e nos quais cada um se sintia escutado e representado, isso só pode ser alcançado através do diálogo igualitário. Uma reflexão entre iguais abre o caminho para novos significados que, ao serem compartilhados, favorecem a transformação pessoal (Elboj, 2002). Certamente, quando conseguimos, numa reunião de professores, alcançar um diálogo que não seja baseado em autoritarismos, mas na validade dos argumentos utilizados, onde não buscamos quem tem razão mas como melhorar a vida do aluno, é produzida uma aprendizagem que nos leva à transformação pessoal e que melhora nossas próprias vidas. Esta criação de sentido servirá de impulso para a transformação profissional e permitirá, por sua vez, a transformação do centro educacional e das atividades desenvolvidas nele. Saber porquê e para quê nós realizamos as diferentes tarefas nos ajuda a construir nossa própria identidade pessoal. Desse modo, os professores, além de encontrarem sentido no que fazem, podem descobrir o sentido da sua própria dignidade profissional.

### **CRIAÇÃO DE SENTIDO PARA TODA COMUNIDADE**

A família constitui o entorno mais próximo das crianças, por isso é um dos agentes que mais deve influenciar na aprendizagem. O segundo é a escola. Portanto, a família e a escola juntas reforçam a motivação pela aprendizagem.

A equipe das comunidades de aprendizagem sabe que a experiência mais maravilhosa é sonhar juntos com a escola que se deseja, por isso os espaços são criados e impulsionados, como as comissões mistas nas quais as pessoas vão tornando realidade o que foi sonhado através de atuações concretas, que vão transformando a escola, convertendo-a em um ponto de encontro. Um passo a mais é o voluntariado que entra nas salas de aula para colaborar com os professores nos grupos interativos, dando ânimo para as interações produzidas na sala de aula. Sabe-se, além disso, que existe uma relação íntima entre a aprendizagem que

é produzida e o contexto em que a pessoa se encontra. Portanto, será necessário transformar o contexto se queremos melhorar as aprendizagens (Vygotsky, 1977) já que, para aumentar o nível de expectativas de todos os alunos e enriquecer sua aprendizagem é necessário que o contexto seja fértil em interações de qualidade. Nas comunidades de aprendizagem, com o objetivo de gerar aprendizagem e de criar sentido para toda a comunidade, as atuações são potencializadas, tais como a formação de familiares e as tertúlias literárias dialógicas. O que é feito dentro da escola e com as crianças é conectado com as relações de fora, com a linguagem e com os sonhos das famílias, com suas contribuições que são avaliadas como recursos importantes. A escola passa a ter outro sentido, dando esperança às mães, pais, irmãos e irmãs, familiares e outras pessoas da comunidade. Tanto a quem participa diretamente como a quem vê que esta porta está aberta e que a escola conta com eles e elas.

### **CRIAÇÃO DE SENTIDO E OS ALUNOS**

Finalmente, quem mais necessita desta criação de sentido são todos os alunos e alunas. Isso é criado pela aprendizagem, sendo produzido mediante o diálogo igualitário e depende da qualidade e da quantidade das interações que cada pessoa estabelece com as outras (Mead, 1973). Para isso, como profissionais, devemos colocar vários problemas:

Em primeiro lugar, devemos implementar as atuações que favoreçam o maior número de interações na sala de aula e no centro educacional. A partir das evidências colocadas pela comunidade científica internacional, começamos com os grupos interativos por serem um modelo de organização que reúne uma aprendizagem de qualidade para todos os alunos e uma educação entre iguais que favorece a diminuição dos conflitos na sala de aula. Uma experiência que dá sentido ao trabalho que realizam os professores, os voluntários e os alunos na sala de aula. Esta criação de sentido é produzida através da inclusão de todos os alunos na sala de aula, pois geramos grupos de trabalho heterogêneos, nos quais a diversidade de cada um dos integrantes enriquece todo o grupo. Todos e todas opinam, discutem, organizam, trabalham e avaliam juntos.

Seguindo os mesmos princípios, contamos com outras atuações educativas de êxito, como as tertúlias literárias dialógicas ou a biblioteca tutorada. Nas primeiras, favorecemos a leitura de obras clássicas que são comentadas entre todos. Todos os alunos opinam sobre o que foi lido, manifestando os sentimentos e emoções que foram gerados pela leitura. Quem entenderá melhor todas as camadas de uma obra literária, quem leu sozinho ou quem compartilhou a leitura e teve a oportunidade de contemplar outros pontos de vista, outras avaliações pessoais? Nas bibliotecas tutoradas, seguimos favorecendo as interações e ampliando os tempos e espaços de aprendizagem, contando com a participação solidária das pessoas da comunidade.

Em segundo lugar, também será necessário repensar o papel do professor dentro do processo de aprendizagem, incluindo a revisão dos programas e das metodologias para que sejam abertos às contribuições de toda a comunidade, impregnando-o de tonalidades culturais diferentes, prevendo as novas realidades e necessidades formadoras e avaliando-o constantemente. Para isso é preciso criar os canais de participação democrática no centro educacional e na sala de aula para que todos os interesses, gostos e necessidades educacionais tenham resposta. Neste sentido, nos sonhos das comunidades de aprendizagem aparecem repetidas vezes a vontade de descobrir e de aprender dos alunos. A escola deve ser esse espaço de encontrar sempre novas respostas e novas perguntas que vão encaixando e expandindo os horizontes da sua vida.

Como profissional da educação devo confessar que tudo o que tratei de refletir aqui eu vivenciei pessoalmente. Minha aprendizagem começou em um diálogo casual com o professor Ramón Flecha. Esta interação abriu as portas para novas aprendizagens e transformou minha concepção de educação, ao mostrar que era possível outra maneira de ensinar e de aprender mais consequente, mais gratificante, mais justa e mais enriquecedora. Aquele diálogo igualitário mudou minhas expectativas profissionais, gerou esperanças novas e sonhos compartilhados. Teria sentido não levá-los juntos para a prática e não difundir-los? No final, tudo é uma questão de sentido: sentido comum, sentido ético, sentido profissional, sentido da

justiça social e sentido de nossa própria existência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Elboj, C; Puigdel·l·ivol, I.; Soler, M; Valls, R. (2002): Comunidades de aprendizaje. Transformar la educaci·on. Barcelona: Gra·o.
- Flecha, R. (1997). Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas a trav·es del di·alogo. Barcelona: Paid·os.
- Mead, G. (1973). Espiritu, persona y sociedad desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paid·os
- Vygotsky, L. (1977). Pensamiento y lenguaje. Teor·a del desarrollo cultural de las funciones ps·iquicas. Buenos Aires: Pl·eyade.

## O CONTRATO DE APRENDIZAGEM NO “KARMENGO AMA”

ARGI·NE SAGASTUME E VIRGINIA ZUGARRAMURDI/ KARMENGO AMA ESKOLA IKAS KOMUNITATEA – TRINTXERPE

A comunidade de aprendizagem “Karmengo Ama” est·a localizada em Trintxerpe, um dos quatro distritos do munic·ipio gipuzcoano de Pasaia. Sendo a ·unica escola p·ublica de Pasaia e levando em conta as caracter·sticas da popula·o deste distrito ·e um centro escolar com alunos muito diversificados, onde convivem distintas culturas, l·nguas, religi·es... Por isso, a partir da proposta do Departamento de Educa·o do Governo Basco e com a assessoria do CREA, iniciamos, h·a 16 anos, nossa caminhada para a transforma·o em comunidades de aprendizagem.

Desde os primeiros passos, j·a na fase do sonho, uma das nossas prioridades foi a cria·o de sentido em nossos alunos e alunas e suas fam·lias para conseguir melhores resultados acad·emicos, sendo fundamental o envolvimento real deles no processo escolar de seus filhos e filhas. Para atender essa necessidade foi criada a comiss·o de organiza·o e participa·o da comunidade, com um grande protagonismo das fam·lias.

Apesar de ter iniciado em diferentes ·mbitos (APM, representantes de classe, forma·o de fam·lias, m·es coordenadoras de departamento) ainda n·o conseguimos alcan·ar todas elas. ·e neste momento quando decidimos que o Contrato de Aprendizagem poderia ser o instrumento adequado para conseguir a ponte de uni·o com elas. Estava claro o que quer·amos colocar em pr·tica, mas gastamos muito tempo para chegar ao consenso e concretizar os aspectos que consider·vamos mais importantes como a metodologia que dever·amos utilizar, o tipo



de compromisso, com quais alunos aplicar. Existia o medo de que, dependendo de como fosse transmitida a necessidade de realizar estes contratos, as fam·lias entenderiam como uma forma de fiscalizar suas vidas. Por isso, avaliou-se muito o tipo de mensagem que ir·amos passar.

Outra das grandes d·vidas que apareceu foi sobre quais alunos colocar em pr·tica o projeto. Se somente nos concentr·ssemos em um setor dos alunos, estar·amos diferenciando-os sem perceber, e o contrato perderia o valor motivador e positivo que pens·vamos que teria e se converteria exatamente no contr·rio, em um instrumento discriminat·rio, j·a que marcaria aquele aluno que assinaria o contrato. Desse modo, levando em considera·o que todas as pessoas t·m sempre algum aspecto que deve ser melhorado na sua vida, decidimos realizar o contrato com todos os meninos e as meninas do centro escolar.

Inicialmente, est·vamos conscientes de que n·o seria f·cil encontrar e chegar ao consenso sobre pequenos aspectos para

melhorar, ent·o escrevemos, juntamente com todos os membros da comunidade, alguns itens b·sicos para as fam·lias, alunos e professores, para ter um ponto de partida. Os itens sobre as fam·lias foram redigidos pelas m·es representantes de classe, tomando como base suas experi·ncias pessoais e os probleminhas que surgiam diariamente, na hora de educar seus filhos e filhas.

O que ·e o Contrato de Aprendizagem? Trata-se de um documento para estabelecer compromissos comuns entre os alunos, as fam·lias e o tutores.

*Quais objetivos concretos buscamos com este contrato?*

- Tomada de consci·ncia dos aspectos para melhorar, relacionados com as capacidades necess·rias para o adequado funcionamento dos alunos em casa, no ·mbito escolar, na rua...

- Melhorar a autoestima dos alunos. No momento do contrato, o menino ou menina tem consci·ncia de que o objetivo da reuni·o, disso que ·e t·o importante, que eles v·o assinar, ·e ELE/ELA e se sente



importante porque sua família e o tutor estão trabalhando juntos.

- Aumentar a responsabilidade das famílias.
- Aproximar o centro educacional das famílias que, por diferentes circunstâncias, são mais relutantes.

*Como colocar em prática?*

O primeiro contato ou reunião é feito em abril (quando o ano letivo já começou e o menino ou menina teve tempo de mostrar como ele/ela é), mas pode-se considerar necessário adiantar isso.

A sequência das reuniões é sempre feita em função das necessidades do aluno/a.

Para colocar em prática o contrato, reúnem-se as três partes: família, menino/a e tutor/a, e cada parte expõe suas propostas, desejos e necessidades, chegando a um acordo, escolhendo dois ou três aspectos.

Estas propostas são colocadas por escrito no documento que foi confeccionado na escola. Cada uma das partes deve deixar bem explicado qual é o seu compromisso para conseguir o que foi anteriormente combinado, e depois o documento é assinado por todos.

Daí só falta colocar um prazo para conseguir o objetivo.

O documento original é levado pela família e o centro escolar fica com uma cópia.

Uma vez que se passa o prazo combi-

nado, é feita outra reunião para ver em que medida se conseguiu o objetivo proposto.

Se foi alcançado, deve-se chegar a um consenso sobre outro objetivo; se não, são analisadas as causas pelas quais não foi possível e é colocado um novo prazo mais longo ou é colocado de forma que da próxima vez o resultado seja satisfatório.

No final do ano letivo todos os contratos são guardados no histórico dos alunos com o objetivo de ter, no ano seguinte, a informação sobre o que foi trabalhado anteriormente.

Na hora de colocar em prática o Contrato de Aprendizagem, é importante levar em conta que os objetivos previstos sejam fáceis de medir e avaliar em um espaço de tempo curto.

Por outro lado, à margem do objetivo inicial, percebemos que é uma ferramenta muito apropriada para trabalhar diferentes competências como, por exemplo, aprender a aprender ou a autonomia e a iniciativa pessoal:

*Por que?*

- Porque ajuda todos os alunos a tomarem consciência de que as pessoas têm a capacidade de melhorar diariamente através das perguntas que são feitas na reunião inicial.

Você acha que você faz tudo muito bem?

Você acha que poderia melhorar em algum aspecto?

Você gostaria de melhorar? Você quer tentar?

Como? O que você acha que pode fazer para isso?

Nesta reunião é dada a oportunidade de refletir sobre sua personalidade e suas atitudes sociais, familiares, escolares e de aceitar que há comportamentos na sua vida cotidiana que são suscetíveis de melhorarem.

- Porque será ele ou ela quem vai decidir o que quer mudar e como fazê-lo.

• Porque na hora de colocar em prática o contrato e assumir o compromisso de superar os pontos marcados, é reforçado o nível da responsabilidade do aluno/a.

• Porque uma vez alcançado o objetivo, ele/a é capaz de avaliar que, com um pouco de esforço, pode-se superar as dificuldades.

• Porque, ao avaliar os objetivos alcançados, aumenta e reforça a autoestima, tanto no nível pessoal como familiar.

Por tudo o que foi exposto, depois de muitos anos de altos e baixos, e distintos graus de envolvimento por parte de todas as pessoas, podemos dizer, resumidamente, que hoje sua utilização está totalmente consolidada em nosso centro escolar e que consideramos o Contrato de Aprendizagem como um instrumento muito valioso para conseguir uma participação maior da comunidade e um ambiente melhor entre todos os membros dela. Nos sentimos melhor, criamos sentido.

# TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS NA CA MEDITERRANI

MARIAM EL KHAYAT (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA LA URV) E ROSANA VARAS ALIAU (PROFESSORA DA ESCOLA MEDITERRANI)

## NOSSA ESCOLA E SUA TRANSFORMAÇÃO

A Escola Mediterrani está localizada no Camp Clar, um bairro da periferia de Tarragona. O início da transformação do centro escolar em comunidade de aprendizagem se deu no ano letivo de 2011/2012, uma vez que foi finalizada a fase de sensibilização. Nesta formação

inicial, a equipe de professores conheceu as bases teóricas, as referências metodológicas, as fases de transformação que iriam ocorrer no nosso centro educacional, assim como alguns modelos de escola similares ao nosso perfil onde havia funcionado esse projeto. Foi, então, quando iniciamos as fases de transformação. Neste ano letivo estamos começando uma das fases mais especiais, a do sonho, onde a comunidade educativa começou a sonhar como queriam que fosse a nossa escola.

Este centro educacional conta com 17 professores e professoras e tem um número elevado de alunos de etnia cigana (67,35%), seguido pelos marroquinos (26,53%) e por outras etnias (6,12%). Na turma de 5 anos, onde fizemos as tertúlias literárias dialógicas, há cinco meninas e cinco meninos, todos da mesma idade: 5 anos. Oito são de etnia cigana e religião católica, e dois de origem marroquina e religião muçulmana.

Atualmente são aplicadas diferentes atuações de êxito no centro escolar,

mas uma das que queremos destacar especialmente pelos resultados, tanto na aprendizagem como na transformação das relações entre os alunos e o entorno, é a tertúlia literária dialógica.

### O fato de trabalhar através das tertúlias aumentou o sentido que a escola tem para as crianças.

No primeiro momento, começamos a fazê-la nos 4º e 6º anos do Ensino Fundamental. Está sendo realizada com muito êxito. Mas ficamos animados ao iniciar as tertúlias na sala de 5 anos quando Mariam, uma aluna universitária, começou com algumas atividades práticas no centro escolar. Achamos que era uma grande oportunidade para fomentar a leitura e os debates dos grandes clássicos. Quanto antes, melhor.

#### AS TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No início, antes de fazer as tertúlias literárias dialógicas, começamos com a leitura de histórias populares. Fazíamos a leitura e a partir dela iniciávamos o debate. Mas, uma vez que a Mariam começou a participar, avaliamos a possibilidade de fazer as tertúlias de acordo com as atuações educativas de êxito, e adaptar os clássicos da literatura para o público infantil. Pouco a pouco fomos gestando essa ideia até materializá-la. Foram selecionadas quatro obras: *As mil e uma noites*, *Moby Dick*, *Romeu e Julieta* e *O ladrão de Bagdá*. Estas obras foram adaptadas para o nível dos alunos da Educação Infantil, usando um suporte visual (desenhos, imagens grandes, fichas com palavras chave, frases da história, etc.). Dessa forma, iniciamos as tertúlias literárias dialógicas no final do primeiro trimestre do ano letivo.

Para concretizar as tertúlias, escolhemos a biblioteca de modo que este espaço seja cada vez mais familiar para

os meninos e meninas, e para que isso incentive seu uso. A tertúlia é feita uma vez por semana com duração de aproximadamente 45 minutos. Participam os meninos e as meninas da sala de 5 anos, a professora e a estudante universitária de prática de ensino.

Para fazer a tertúlia tivemos que adaptar um dos espaços da biblioteca onde colocamos almofadas e um pouco de decoração, de modo que todas as meninas e meninos se sintam confortáveis. Em primeiro lugar, antes de começar a tertúlia propriamente dita, lembramos quais são as normas que devemos seguir: escutar atentamente, levantar a mão antes de falar, respeitar a vez dos outros, etc. Depois, iniciamos a atividade da mão do Pepe, um fantoche que apresenta as histórias que trabalhamos. O protocolo sempre é o mesmo: Pepe vem dentro de uma caixa; os alunos e alunas cantam uma música; Pepe acorda; Pepe cumprimenta os meninos e meninas; Pepe explica a história; quando a história termina, Pepe faz perguntas: O que você mais gostou? Por que?, etc. Finalmente, Pepe se despede. É importante destacar que o Pepe e a professora são as referências, já que os alunos tendem a imitá-los.

#### O QUE APRENDEMOS

As tertúlias literárias dialógicas têm levado a resultados muito positivos, tanto na aprendizagem como na convivência. Apesar de que, no princípio, estava difícil pensar que esta atuação educativa fosse adequada para os alunos de 5 anos, o seu desenvolvimento demonstrou que é um ponto de inflexão importante para o trabalho com as crianças. Trabalhar com a tertúlia, durante os poucos meses que fizemos, já mostrou resultados muito positivos. Os mais destacados são: a ampliação e o enriquecimento do vocabulário, maior interesse pela leitura, fazer com que a escola tenha se tornado um espaço de debate sobre temas importantes para suas vidas e melhores relações entre os alunos que compartilham sentimentos e vivências.

Além disso, os alunos consolidaram as normas de comportamento graças ao trabalho feito nas tertúlias. Neste sentido, um dos meninos expressa que ele aprendeu a escutar, “a levantar a mão, quando nos levantamos e terminamos

a história, fazemos a fila, escutamos os colegas quando eles falam, quando fala a professora, temos que fazer silêncio e escutar...”. Graças às tertúlias, formou-se um clima bom nas relações, de respeito entre as crianças, a professora e a voluntária, como coloca esse aluno: “quando os colegas falam, nós não falamos, fazer a fila certinho, comportar-se bem! Se a gente se comportar bem, você vai contar a história, né? E se você se comporta mal, você vai para o ‘cantinho do pensamento’... escutar a professora quando ela estiver passando a tarefa... olhar para a lousa. E ajudar a professora (...)”.

Outro exemplo muito importante é o da Luisa. Há pouco tempo ela tinha perdido seu tio e em uma tertúlia apareceu o assunto da morte e do luto. Luisa não participa muito quando fazemos as tertúlias, mas nesse dia ela falou muito sobre o assunto, sobre como o seu tio tinha morrido, para onde vamos quando morremos, sobre o inferno, o céu, os sentimentos que sua família estava vivenciando, etc. O fato de trabalhar através das tertúlias aumentou o sentido que a escola tem para as crianças, pois eles têm dialogado sobre assuntos que normalmente não são abordados nem na escola nem fora dela, e eles têm se sentido identificados com muitos personagens e com os assuntos que tratamos, tomando como ponto de partida os grandes clássicos da literatura universal.

A experiência de trabalhar com as tertúlias literárias dialógicas ofereceu a possibilidade de aprofundar na leitura dos clássicos, que favorecem a compreensão leitora de nossos alunos, as relações sociais, a empatia, o gosto pela leitura, os hábitos de leitura, etc. As crianças estão contentes por trabalharem a leitura dessa forma e elas manifestam que gostam de fazer a tertúlia. Desse modo, a intenção da nossa escola é continuar trabalhando nesta linha e que, ao final do trimestre da sala de 5 anos (quando todos os nossos alunos saibam ler), cada menino e cada menina possa ler uma frase de uma obra clássica, catalisando a criação de sentido, tanto para eles e elas, como para todas as pessoas que, diariamente, se envolvem na sua aprendizagem.

<sup>1</sup> LUISA É UM NOME FICTÍCIO.

# CRIAÇÃO DE SENTIDO GRAÇAS AOS GRUPOS INTERATIVOS

YOLANDA HERNÁNDEZ, PAULA FERNÁNDEZ, MARÍA ELENA AGUILERA, SONIA VIDAL, JOSÉ VICENTE MORENO E JOSEP MARIA CANAL/ FAMILIARES E PROFESSORES DO CEIP MESTRA GASPAR LÓPEZ.

*“Participar nos grupos interativos faz com que eu confie mais na escola do meu filho”.*

*“Quando deixo o meu filho, já não olho para trás”.*

*“Você pode ver que os meninos com necessidades especiais podem trabalhar na sala de aula. Você vê com teus próprios olhos”.*

Há um ano sonhamos acordados para poder melhorar a educação de todos os membros da comunidade escolar. Sonhamos para tornar realidade uma qualidade melhor para a educação, para a convivência e para a cultura de toda a comunidade. E queríamos que todos participassem.

Nossa escola tem a sorte de ter alunos com uma grande diversidade de procedências geográficas, sociais e culturais. No grupo se destacam aqueles que têm necessidades educativas especiais.

A quantidade de recursos, conhecimentos, emoções e situações pessoais e educacionais que são geradas na nossa escola graças à presença deles, e que fazem com que o centro educacional cresça, assim como as pessoas que trabalham nele, são de uma tal envergadura, qualidade e quantidade que permitem uma aprendizagem social, emocional e profissional de enorme repercussão.

O centro educacional decidiu abrir o processo de transformação em comunidade de aprendizagem no ano letivo passado. Estávamos convencidos de que a inclusão através de grupos heterogêneos, a aprendizagem dialógica através de um aumento das interações e o aumento das expectativas seriam determinantes para a transformação do nosso centro educacional, para conseguir uma educação de qualidade para todos os alunos. As tertúlias literárias dialógicas e os grupos interativos fomentaram uma mudança para melhorar a capacidade de todas

e todos, e não somente para as crianças. Os grupos interativos possibilitaram uma grande variedade de melhorias para todas as pessoas que participaram. As voluntárias, que dedicam seu tempo no centro educacional para participar das aulas em uma atuação de êxito, geram um aumento da qualidade da aprendizagem e da convivência dos alunos e alunas dessas classes.

A porcentagem de alunos com necessidades educativas especiais que frequenta nosso centro escolar é alta e suas mães participam ativamente nos grupos interativos. Algumas famílias têm crianças pequenas com distintos transtornos que são detectados bem cedo. Para as famílias é um golpe duro receber uma notícia desse tipo, com as consequentes dificuldades de assimilação e com uma mistura de emoções, sentimentos, preocupações e dúvidas. Várias mães destes alunos são voluntárias nos grupos interativos. A presença e a participação delas na sala de aula cria sentido para a intervenção da comunidade no centro educacional.

Os grupos interativos tornam possível uma forma de trabalho muito dinâmica e participativa, onde as voluntárias percebem que através da aprendizagem dialógica, favorecem o aumento da atenção e da participação de todos os alunos. Além disso, elas proporcionam uma ajuda para o estabelecimento das relações pessoais adequadas para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. “Aproveitamos mais o tempo porque os alunos estão muito motivados com a nossa presença”. “Todos trabalham, agem, participam e aprendem”.

A mudança da perspectiva é tão grande que a relação com as professoras muda totalmente. “Quando você percebe que te tratam como uma igual, você se sente bem e valorizada. Daí não há mais tensão quando falamos com elas, você se sente útil”. “Vemos como trabalham nossas professoras e aprendemos a valorizar o esforço delas”.

A interação dos alunos com as voluntárias é muito natural. Os meninos e meninas permitem que elas participem da atividade, tratando-as com amabilidade e respeito para

que elas se sintam bem. Além disso, nasce uma grande curiosidade em ambas partes por se conhecerem. Quebram-se as barreiras e geram-se modelos e referências de adultos distintos. “Os meninos perguntam muito. Eles querem saber sobre detalhes da nossa vida, nossos filhos... São muito curiosos, mas fizeram com que eu me sinta muito bem”. “Lembro daquele menino loirinho que ficava tão contente quando a gente trabalhava assim”.

Para as mães, a participação nos grupos interativos faz com que elas conheçam o centro escolar por dentro, possam ter experiências com outros alunos com necessidades especiais, terem mais interesse pelo que acontece na escola e, devido a isso, elas podem aumentar sua confiança no trabalho desenvolvido pelo profissionais, pois elas podem acompanhar tudo de primeira mão. “Vir aos grupos interativos me ajuda a confiar no colégio que trabalha com meu filho, pois ele não pode me contar o que ele faz e o que acontece lá”. “Poder observar como as crianças de uma classe tratam os meninos com necessidades especiais faz com que eu me sinta muito feliz, eles respeitam, tratam bem e de maneira natural”, “você vê que os meninos com necessidades especiais podem trabalhar na classe. Você vê com seus próprios olhos”.

O aumento das expectativas em todos os alunos é reproduzido também nestes casos. As mães esperam mais dos seus filhos porque elas já viram outras crianças que conseguiram, e essa esperança se torna realidade a medida em que se observam os primeiros avanços. Se os professores e as professoras têm expectativas altas sobre o voluntariado, a esperança se contagia e o grupo rende no nível máximo. O fato de ver que as possibilidades de melhorar são reais, faz com que as famílias transmitam essa energia para seus filhos e filhas nas ações que aumentam seu desenvolvimento.

Por outro lado, participar ativamente na escola supõe uma injeção de autoestima e de energia em momentos difíceis, já que não é somente a família que pede ajuda, mas é o



próprio centro escolar que também precisa dela para os grupos interativos, para aumentar a qualidade da educação de todos e todas. “Pode até ser terapêutico. No primeiro dia eu estava muito nervosa, mas é muito útil para mim”. “Eu me acalmo, eu vou mais tranquila e meu filho percebe isso. Ele também está mais tranquilo”. “Quando eu venho trazer meu filho, saio e não olho para trás”. “Quando venho aqui, eu esqueço de tudo”. “A organização do centro escolar permite a inclusão de todas as crianças com necessidades especiais”.

Ter a perspectiva do que é feito na escola ajuda muito as famílias, porque elas aplicam na casa o que é visto na sua vida cotidiana, e todos podem ver os avanços, fruto da colaboração com as professoras. “É muito importante porque compartilhamos os objetivos, quebra-se a barreira e a comunicação flui e, por isso, meu filho melhora”. “Quebram-se os receios, as dúvidas, medos e inseguranças porque eu me sinto em casa, o colégio faz com que eu me sinta em casa”. “A imagem que você tem da escola se modifica. Você vê as outras crianças e o que acontece dentro da classe e deixa de pensar no que é teu como o centro de tudo, ajuda a relativizar as coisas”.

Enquanto estas mães ajudam todos os meninos e as meninas de uma classe, elas recebem deles uma energia positiva que ajuda a enfrentar a realidade diária com mais força e ajuda a saber que elas não estão sozinhas.

Para as professoras, esta atividade di-



nâmica e participativa de aprendizagem dialógica torna-se uma fonte de motivação positiva. “O clima muda, há mais calma, mais dinâmica, mais respeito, mais trabalho, mais aprendizagem”. “É preciso preparar atividades que sustentem o diálogo entre os alunos e é preciso subir o nível para aproveitar bem o tempo”; “você percebe que todos terminam muito contentes. Nossos alunos trabalham muito mais, os voluntários estão motivados e nós vemos os resultados do trabalho diário”. “Os conflitos são reduzidos a zero e, com isso, pode-se prevenir e

solucionar os conflitos porque [as crianças] apreciam o conselho ou o ponto de vista de outra pessoa, do voluntário”. “Temos menos receios, de todas as partes, há mais confiança e compartilhamos objetivos”.

Criamos sentido porque todos e todas veem o entorno positivamente transformado graças à participação e contribuição do voluntariado, à ação democrática e inclusiva do centro escolar e como resultado vemos o aumento das capacidades e das competências dos alunos, das famílias e da equipe de professores.

## E A COMUNIDADE GRIMM COMEÇOU A SONHAR

ESCOLA INFANTIL GRIMM (RIVAS VACIAMADRID)

Eu te convido, para quê? Para sonhar com a tua escola ideal e, por uma sorte de magia, estes sonhos se tornarem realidade, é difícil de acreditar? Somente é preciso querer. Quem não quer sonhar?

Era uma vez... esta é uma forma conhecida de começar uma história, um conto, um sonho.

E este é o sonho da nossa escola, Grimm, e como escola de contos que é, necessita contar seu sonho dessa maneira...

Nas redondezas da capital, na região de Rivas Vaciamadrid, em uma pequena es-

cola rodeada de amendoeiras, cujo nome é Grimm, habitam umas pessoas que acreditam na importância e no poder dos sonhos. Acreditam que, como cita Paulo Coelho, “é justamente a possibilidade de realizar um sonho que faz com que a vida seja interessante”, e na Grimm acrescentamos um tom interessante e fértil para nosso entorno.

Na Escola Infantil Grimm, temos como objetivo principal a busca de uma ação educativa melhor, para tanto, no ano letivo de 2012-2013, colocamos em prática um novo enfoque para desenvolver nosso trabalho educativo, não somente pelo projeto em si, mas também pela ambiguidade da etapa

que queremos aplicá-lo. Pretendemos provocar uma mudança na prática educacional para fazer com que os ideais educativos se tornem utopias permanentes, através do despertar do desejo por ensinar e aprender; evitar a marginalização e etiquetamento pela cultura, status, gênero ou rendimento escolar; oferecer uma educação de qualidade; aprender nas salas de aula; promover e favorecer a participação e ampliação das famílias, do entorno no centro educacional, aumentando seu sentido de serem participantes na educação dos seus filhos e filhas. Sonhando sobre como seria nossa escola ideal e realizando entre todos e todas estes

sonhos, conseguimos que cheguem, para nossos pequenos e pequenas, uma tempestade de recursos que devem ajudar no desenvolvimento de todas as suas capacidades, devem ajudar para que consigam o êxito.

Na Grimm, nós queríamos fazer mudanças, necessitávamos encontrar um modelo que nos ajudasse a respaldar sua prática educativa e, depois de um longo período de reflexão no qual se deu um debate intenso e enriquecedor entre os membros da equipe da comunidade educacional da Grimm, finalmente decidimos começar o processo de transformação em comunidade de aprendizagem. Primeiro, nós tivemos que apagar da nossa mente o medo de fracassar, isso era incompatível com sonhar, e essa foi a nossa primeira grande tarefa.

Toda a comunidade educacional (educadores, funcionários, famílias e voluntariado do entorno) participou de um curso oferecido pelo CREA na prefeitura de Rivas Vaciamadrid, um curso importante e necessário, tanto para conhecer as bases científicas e teóricas do projeto como para resolver as dúvidas e enfrentar o sentimento de medo de fracassar de cara para incluí-lo no nosso contexto particular.

De modo quase paralelo, foi criado um debate e começamos a expor as dificuldades e vantagens do desenvolvimento do projeto em nosso centro educacional. Além de analisar estas dificuldades, começamos a apontar as possíveis soluções. As questões mais relevantes que debatemos foram centradas naqueles aspectos que mais tinham

chamado nossa atenção sobre o projeto, o que nosso centro poderia contribuir e quais seriam as principais dificuldades e nossos principais medos na hora de desenvolvê-lo.

Depois de refletir sobre estas questões, a equipe chegou a um objetivo claro: lutar e trabalhar para conseguir tornar realidade nossos sonhos, nossos sonhos educacionais.

Mas, deveríamos sonhar sozinhos? A Escola Infantil Grimm tem como um de seus pilares fundamentais a colaboração das famílias. Com a transformação do centro escolar em Comunidade de Aprendizagem, queríamos a maior aproximação possível das famílias, assim como dar-lhes mais autonomia e capacidade de decisão em algo tão importante como a educação de seus filhos e filhas, mas... somente as famílias são as responsáveis pela educação de nossos pequenos e pequenas? Esta frase seria injusta se fosse redigida como afirmação. Na Grimm acreditamos que a resposta é claramente não; o real responsável é o entorno, são todas as pessoas que interagem com as crianças diariamente. Mas este entorno é um entorno por acaso? Se quisermos, não. Todas as pessoas têm a capacidade e a possibilidade de mudá-lo, foram construindo isso, uma geração após a outra. Se este entorno são todos e todas, por que não tentar produzir uma mudança que beneficie ao máximo a educação de nossos meninos e meninas? Sim, este é um sonho, e se uníssemos todos os sonhos, todas as esperanças, se uníssemos tudo em um mesmo ponto, e uníssemos tudo isso na Grimm? Nossos meninos e meninas teriam

as melhores coisas do seu entorno. Tudo é reduzido a uma ideia clara: eu faço um espaço para você nos meus sonhos, você faz um espaço para mim nos teus? Assim conseguiremos o êxito para nossos pequenos e pequenas, ajudaremos a construir os pilares básicos sobre os quais eles irão apoiar seus futuros conhecimentos.

E neste ponto nos encontraremos na Grimm, todos e todas sonharam, preencheram a história gigante dos sonhos, de sonhos reais; criaram comissões, as quais de maneira “mágica” vão tornando realidade estes sonhos. Porque se há algo que nos une, todos e todas, são os sonhos e a esperança de torná-los realidade.

E como não, vindo de uma escola de contos, não poderíamos concluir este artigo de outra maneira que...

... e sonha que a Fada da Escola Grimm tece uma enorme via, e em um trem locomotiva chega por fim sua Escola ideal... sonha que a Laura, que leva seu filho para a Grimm, tece um jardim, tão fresco e florido que lembra um pomar... sonha que a Sofia, que trabalha na Grimm, tece uma bonita melodia que o vento fará soar e por toda a escola irá... sonha que a Julia subirá em um balão com a sua avó, e tecem juntas uma lona que no verão, de linda sombra seus brinquedos cobrirá...e, com os contos, príncipes e princesas, junto com todo o pessoal, tecem com materiais variados estáveis degraus, que vai aproximando do colégio dos mais velhos... sonham na escola que todas as famílias sonham, se esquecem das penas e, entre todos, sua escola transformam.



ESCOLA. Diretor: Pedro Badía. Redatora Chefe: Loca García-Ajofrín. Redação: Pablo Gutiérrez del Álamo e María Piedrabuena.

Assinaturas e Atenção ao Cliente: C/Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madrid) - Telefone: 902 250 510 - Fax: 902 250 515

Edição: WOLTERS KLUWER ESPAÑA, S.A. www.wke.es Conselho Delegado: Salvador Fernández. Diretor Geral: Eduardo Garcia. Diretora de Publicações: Carmen Navarro. Depósito Legal: M-50-929-2007. ISSN: 1888-2781.

Paginação: María Piedrabuena

Coordenação: CREA-UB

Elaboração:

## ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

